

TRÊS DEPOIMENTOS DE POETAS CONTEMPORÂNEOS*

1.

O OLHO E A SUPERFÍCIE: UM DEPOIMENTO-QUASE

Alexandre Moraes

*Eu não sabia
que virar pelo avesso
era uma experiência mortal*

Ana Cristina Cesar,
Inconfissões

Os três versos acima sempre descrevem um *lugar* onde penso que nasce esta *impossibilidade de viver* que origina a *poesia*. O poema sempre nasce de uma *forma impossível* que deseja desesperadamente o diálogo com o mundo. Eu recusei a escrita poética o quanto pude. Resisti ao fato de escrever poemas até não poder mais. Entretanto, com treze anos já não suportava o peso das minhas impossibilidades e do silêncio que me cerca ainda hoje. Estar em silêncio será sempre a nossa desventura diária. A poesia, ao contrário do que dizem, não é mãe da filosofia, mas do silêncio. Sempre escrevi, como Aninha, por impossibilidade de não escrever. Jogo sempre quase tudo fora, mas ainda sobra muita coisa. Os textos brotam. Decerto, os mesmos. Sempre em desvario da língua, das imagens e dos sons que possam vir a conter.

A poesia – como diz mestre Manoel de Barros – é a loucura derramada nas palavras. Loucura de alguém que se sabe mínimo, mas teme o avesso das coisas. A experiência – e Aninha foi até o fim – do avesso, do mínimo e do finito é dura e duradoura. Eu sempre quis me afastar mas jamais consegui. A literatura pra mim foi uma imposição. As maiores de todas as imposições da literatura foram: Drummond, que li desde muito cedo; Fernando Pessoa, que lia quando garoto e não entendia bem o que o estranho português me dizia, mas ficava preso e lia até ficar, como afirmava ele próprio ou um deles, o Álvaro de Campos, com “enjôo de alma”.

* Texto originalmente organizado por Wilberth Salgueiro, com o título “A poesia-perto e o *punctum* capixaba”, e publicado na extinta revista *Você* (Vitória, a. V, n. 44, p. 24-33, jan./fev. 1997).

Paralelamente, lia o maior poeta brasileiro que não fez poesia em versos: Clarice Lispector. Com Clarice aprendi que poderia virar pelo avesso e não morrer fácil. Aliás, sempre bom lembrá-la: “morrer não é bom negócio, frustra”. Com Clarice entendi que a literatura nos é imposta porque nascemos mesmo pra “vigias do mundo” e, então, aprendi o amor. E com Clarice vi definitivamente que o amor só é dado aos “maus agentes”: “aqueles que sem o amor poriam tudo a perder”. Com Clarice aprendi que ler Walt Whitman é quase nada quando se fica dias e dias perdido num poema de Ana Cristina Cesar ou nas entrelinhas aparentemente delicadas de Cecília Meireles. Com Manuel Bandeira, aprendi que a vida dói e, com Leminski, percebi que ela é mesmo incurável.

Enxerguei no meio do jogo que a poesia não são normas, mas silêncio, loucura e tecnologia. Percebi que a literatura é uma terceira perna que se tem e não se consegue esconder facilmente. Num determinado momento da pós-adolescência, na graduação de Letras no Rio de Janeiro, pensei que iria me transformar apenas em uma espécie de “abutre da literatura”, ou seja, num teórico. Comecei a estudar teoria literária, de fato, na Faculdade de Letras e isto em uma época em que a teoria estava no auge. Os professores iam para Paris como se vai até nosso quarto e todo dia apareciam com *Tel-Quel* e *Communication* debaixo do braço. Liam-se Barthes e Kristeva todos os dias e só se falava em teoria e filosofia. As faculdades de letras ainda ofereciam uma perspectiva que hoje parece esmaecer no horizonte cultural brasileiro. A literatura no país da oralidade sempre foi, como diria mestre Luiz Costa Lima, um “apêndice da tribuna”.

Porém, Tudo o que eu imaginava da literatura era outra coisa. Afinal, meus ídolos eram Jorge Luis Borges, Clarice Lispector e Julio Cortázar, para quem a literatura foi a defesa do homem mas sem esquecer que a palavra escrita e a oralidade não se separam mas também não há predominância nem poder. Aliás, quase esqueço: tudo que faço, devo-o a Jorge Luis Borges e a Clarice Lispector. Estes, sim, foram minhas maiores angústias. Comecei a ler o portenho já tarde, aos dezessete anos, e nunca mais parei. Jamais teria me animado a mostrar uma linha sem ter lido Borges. Foi em Borges que vi que a literatura é um enorme comentário do mundo e da própria literatura. Foi em Borges que me soube dentro do labirinto pensando em descobrir o fio da meada. Muitos anos depois é que percebi que o labirinto é sem fim e que de verdade a “única solução é morrer”. O labirinto é o próprio movimento heraclítico que ele descreveu num poema. O movimento é a nossa angústia: ser o que jamais se saberá, saber o que nunca será e estar onde nunca poderemos saber por inteiro. O ser das coisas não tem nome, no entanto, lutamos com nomes, objetos e o nada que, como diria outro poeta que pouco escreveu poesia – João Guimarães Rosa – “é humano e nos envolve” mal

rompe a manhã... Mal aparece a vida e já está feita a traição.

A literatura, ao contrário dos que dela lançam mão para envaidecimento, não serve como prêmio. Drummond, Borges, Clarice e Cortázar recusam a vida inteira os salamaleques de salão. Fugiam das honrarias baratas, das academias anêmicas, sobretudo as de periferia onde a caricatura ainda é mais mal feita e todas disfarçam os favores políticos a que estão ligadas, formando, em alguns casos, um enorme e bizarro clube de vaidosos. Mas, então, neste jogo, a poesia não aparece! A literatura, como o amor, não é prêmio, não é consolo, jamais louros. Literatura é sedução, pura tura, como diria Cortázar, mas nunca objeto de vaidade. Literatura só combina com a necessária humildade de saber que o texto jamais será escrito inteiramente. Que o exato texto, como Borges bem o sabia, nunca foi escrito e talvez nunca o seja. Literatura é esforço e luta corporal. Lutar com o corpo mal se escreve, mal lançamos os olhos sobre o mundo e os labirintos.

Foi com poucos que aprendi muito. Foi com muitos que vi o fulgor do texto brilhando ora aqui, ora ali, mas sempre luminosidade do real, um comentário ou uma vida sobre a vida.

Se me perguntarem ainda sobre o que escrevo, respondo que falo do infinito, do nome, da busca. Meu lema é o clariceano: “Se tivesse que dar um nome à vida. Daria: a busca da própria coisa”. Procuo por debaixo dos tapetes reverberantes de signos o que seria o contrário da doxa, do nada, o outro lado da dor. Falo do mundo sem querer deixar de falar do que nos cobre e Gilberto Gil tinha toda a razão: “a dor é a metade da realidade”. Escrevo sempre sobre a dor e o silêncio. Estes são meus temas. Manoel de Barros diz que o tema da poesia é o próprio poeta. Sem querer discordar, digo claramente que o tema dos textinhos que faço é a dor, os limites e o mundo desconcertante do silêncio por detrás dos nomes. Procuo, clariceanamente, os objetos e seus sentidos por detrás dos nomes, dos olhos e dessa via-crucis que é a escrita. O que há de mim no que escrevo é menos do que há de mim no perfume que nunca ousou. O que há são as escolhas – involuntárias todas; as opções sempre obrigatórias. Escolhi o destino das coisas e isso pode pôr tudo a perder. Pode massacrar esse ar de poesia sobre todas as coisas. Escolher o destino, como se sabe, é não ter escolhido. É não ter destruído cânones, mas se submetido ao labirinto: é querer estar no “jogo-existência até o fim”. Estou no jogo e poderia dizer, sem medo de parecer romântico ou ridículo, que vivo de literatura. Sim, vivo do mais superficial, do mais óbvio, do mais sintomático, talvez do obtuso que tem sido o mais profundo, como a pele que Valéry nunca esqueceu e sabia que a superfície é também profundidade de uma outra superfície. A pele terá sido o mais profundo e tenho vestido a pele Drummond, a pele Rosa, a pele Clarice, a pele Leminski, a pele Cortázar, a pele

Borges, a pele Bandeira, a pele Cecília, a pele Pessoa. Enfim, tenho estado protegido da morte porque a vida jamais abandona o texto, mesmo que esteja lá em goles, em pequenos mundos infinitos e infinitivos. No texto, é sempre possível “apanhar uma braçada do infinito”.

(para o Bith, que reinventa a possibilidade)

Quatro Clips

CLIP

*Poetas quietos entreolhando
coisas coisas que falecem.
Neste interlúdio,
sou coisa ou poeta.*

Ana Cristina Cesar,
Neste interlúdio

Abro a boca imensa querendo o mundo:
na minha boca não cabem nem as minhas palavras.
Se eu não fosse um clip, seria raimundo ou solução.
Se eu não tivesse língua e com gosto do imundo
já pudesse perceber as coisas pelo fundo,
talvez nem esse eu desmantelado sem coração...
Neste instante sem lua,
por certo você nua, funda e muda
ainda por tal me iluda entre coisa, poeta e imagens
como um clip de mim mesmo só de colagens.

Linha

Todo dia te amo mais um gole
até me encharcar de chuva e naufrágio,
desatando não o nó mas a boca.
Não a palavra, mas o sentido desta
linha que me cobre e esmaga.

INSIDE PERFUME

A memória deste momento fecha qualquer coisa.
Olho os dentes,

as palavras,
os sons empilhados sobre a orelha:
sei que atravesso uma hora pensando uma palavra,
uma que fosse,
mas tantas se oferecem no visor,
no dicionário em estado de orgia e silêncio.
Nada disso me sopra adiante.
A poesia não tem mãos:
a teus pés, querendo te arrancar da morte.

(para Ana C.)

acordei desesperado como um bardo
e não sei ainda que isto me aconteceu.
um poema parafuso entrou a carne dentro
a dor
muito está como tudo
pensando um poema que fosse
descabelado
uma espécie de chegar ao sangue depois de
afogado
e não sei ainda que isto me tomou
como não vi que o parafuso do dia furou a sintaxe
há tanto do tempo
e a tudo que mordeu a aura
o instrumento gritando surdo sobre a cortina rouca
do vento
os terremotos que me sustentam ainda vivo
hoje aconteceu um maremoto
e eu estava respirando
como uma veia no seu ligar correndo
errando easy rider
navegação qual branca vela na amplidão vermelha
entrando na letra do sono
voando mosca sobre caju e cica
o grito do olho pendurado na tal coisa
e no poema
e ainda não sei que isto me inundou
como não alcanço o ar que começa a desentrar
pela boca,
o olho alongado.

2.

WITH A LITTLE HELP FROM MY FRIENDS

Orlando Lopes

Entrei para a poesia em 1987. Um amigo viu um exercício, uma brincadeira, e perguntou se eu topava escrever “um livro”, junto a mais dois ou três escritores, isso em Guarapari. Eu, depois da certeza de que não teria que botar nenhuma grana na história, aceitei. Bom, quando a prefeitura já tinha liberado verba para a publicação (um volume impresso em mimeógrafo e capinha de xerox), os outros escritores desistiram de participar. Fiquei com todo aquele mundo de papel pra me divertir sozinho. Desde essa época tem gente achando que sou uma pessoa razoavelmente sortuda.

Não preciso dizer o poço de besteiras que escrevi e intitulei “Sexo, Lopes e Rock'n'roll” (argh!!!): sintomaticamente, eu só conseguia falar em sacanagem, romântica & ingenuamente, e com toda a confusão que a idade me permitia. Ah, foi aí que descobri que sou incapaz de desenvolver personagens e histórias *de verdade*, e tive a certeza de que só poderia ser poeta. Puro oportunismo.

Daí em diante, tive de me acostumar com comentários do tipo: “Orlando, achei o seu livro ma-ra-vi-lho-so!” Não entendi nada, mas achei tudo muito bonito”, que eu ainda não sei bem o que significam.

A partir desse belo instante de minha vã existência, acabei me dando conta de que tinha encontrado uma coisa legal de fazer (e que eu era *capaz* de fazer), que dava um certo *status*, principalmente entre os amigos.

Pra *fazer poesia direito* eu (achava que) precisaria ganhar experiência, e disso se incumbiram, naturalmente, três amigos: o Ivan Castilho, a Cida Amarante e o Júlio Tigre (a História lhes dará o crédito, hehehe!). O Ivan e o Júlio me diziam sempre que eu tinha que ter preocupação *com o texto*, eles têm muita sacação a respeito disso, então eu aprendi logo a querer cortar os excessos, as sobras dos textos.

Nessa época, o Ivan estava pra lançar um livro de contos, “O deus do trovão”, pela coleção Letras Capixaba. Essa coleção estava tendo uma boa circulação em Guarapari e de vez em quando aoarecia

um livro do Fernando Tatagiba e da Bernadette Lyra, na escola. O Ivan, o Júlio e a Cida tinham um monte. Aí comecei a ler o que o Ivan e a Cida já tinham filtrado: a Bernadette, o Sebastião Lyro, o Francisco Grijó, o Sergio Blank, o Marcos Tavares, o Valdo Motta, a Deny Gomes e o Miguel Marvilla (bem mais tarde, 1991, fiz um curso que trabalhava a coleção Letras Capixabas, com o prof. Francisco Aurelio Ribeiro). Ao mesmo tempo, eles me mostravam livros do Manuel Bandeira, do Dalton Trevisan, o García Marquez, Rimbaud, Lautréamont, Millôr, William Blake, Bukowski... e diziam pra procurar a poesia na vida comum, no comum das coisas (à Manuel Bandeira). Além disso, foi nessa época que me apresentaram ao rock'n'roll, e eu me interessei bastante pela *maneira* das letras das canções (o Ivan me emprestava muitos discos, me deu uma porrada de revistas Bizz antigas, Cheguei até a tentar me fantasiar de punk por uns tempos, mas é melhor deixar isso pra lá). Inclusive, tinha uma banda – Vzyadoq Moe – que o Júlio descobriu, que me impressionou muito. Umhas letras *realmente* estranhas pra mim, naquele tempo. Tem umas bandas & cantores daqueles que eu gosto muito até hoje: Joy Divison, The Smiths, The Clash, Echo & Bunnymen, Nick Cave, Tom Waits, Marianne Faithfull... a primeira vez mque li William Blake foi num disco das Mercenárias, que era do Júlio... e não dá pra não mencionar os Mutantes... Hoje, escuto ainda esses caras, e ouço também o Sugarcubes e Björk, o Chico science e a Nação Zumbi, Raimundo, o bom e velho Sepultura.

Pra encerrar o capítulo das influências trans-inter-mais-ou-menos-semióticas, queria registrar que sempre fui fã de histórias em quadrinhos (mas não leio, porque a grana não dá e porque não publicam mais), e da cultura *trash* em geral: filmes de b a z, pornografia, paródias chulas, o que pintar me diverte. É claro que eu reservo um espacinho pros filmes-cabeça, mas não me peçam pra ficar citando nomes de diretores, que eu sou do tipo que só lembra o título e os nomes das atrizes que fazem a mocinha & a bandida.

Já a minha amiga Cida me impressionava pelo jeito entre amargo e irônico, que eu só fui levar a sério de uns tempos pra cá. É uma influência muito sutil, porque eu também já era meio esquisito, e não saberia falar dela direito.

Queria voltar à ideia do comum-das-coisas-poéticas que, pra mim, era a vida afetiva. Sei lá, vai ver que porque eu era adolescente, assistia a muita novela e não conseguia arranjar uma namorada legal, pensar na afetividade era natural (quer dizer, eu não pensava *só* em sacanagem, como seria de se esperar). Uma coisa que o Ivan dizia sempre que alguém vinha mostrar textos (ele era o nosso guru literário): qual o objetivo de tê-los escrito. Se se falava que era algum tipo de expurgo

sentimental, ele falava que tava legal. Se se falasse que era literatura, aí ele chamava a atenção pra (hoje dá pra dizer o nome) “literariedade” da coisa. Acho que comecei querendo fazer meus expurgos (e os faço ainda hoje), mas sempre com a preocupação de *fazer bonito*. Quando eu quis mudar, já era tarde demais.

Agora, a partir de um certo momento (ainda antes de vir fazer Letras em Vitória), comecei a ficar obsessivo com a forma, e foi aí que eu comecei a tentar me afastar da obrigação do grande tema, da necessidade de conteúdos muito aparentes. O Camus disse que o único tema importante pra filosofia era o suicídio, não disse? Pois eu acho que o único grande lance da poesia é a subjetividade (descobri a pólvora...), o que se faz são retratos de subjetividade. É por isso que fico às voltas com os meus casaizinhos, com os sozinhos, com os pedaços, as afetividades. Essa paranóia com a subjetividade sedimentou quando eu entrei pro curso de Letras. Fiquei amigo do Alexandre Moraes, e acabei me contaminando de vez com a ideia da subjetividade como um *topos* poético. Através do Alexandre fiquei conhecendo, entre outros, autores como o Cortázar, o Borges, o Donoso, a Ana Cristina Cesar.

Ah!, teve um livro da Suely Rolnik, o *Cartografia sentimental*, que foi uma porrada bem dada na minha cabeça e quase me fez trocar letras & poesia por psicologia. Às vezes penso que não fiz isso só por preguiça.

Bom, pra resumir, em 1993, consegui lançar o *Hardcore blues – apocalyptic songs*, que me tirou a posição de poeta desconhecido e me lançou à de *ilustre* poeta desconhecido. Progressos, progressos. Depois de lançar esse livro, comecei a ler mais Drummond, descobri (de verdade) a Clarice. Incorporei um pouco de João Cabral (ou tomei alguma consciência disso). Comecei a ler os concretos. Voltei ao Manuel Bandeira. Dei umas beosuradas no Pound, mas ainda não lhe fui às vias de fato. Tive de reconhecer o mano Caetano, o primo Gil e, indo por aí, o Benjamin Rodrigues me converteu ao culto do Chico Buarque. Amém.

Atualmente, ando em fase de entressafra. Estou acabando o *Sexfood – Óbvios melodramas tragicômicos* há uns dois anos, mais ou menos. Nesse período fiquei amigo de duas entidades denominadas Bith & Ray – ou Raimundão, para os íntimos. Com o Bith, fiquei conhecendo um monte de autores contemporâneos, novinhos em folha. Entrei na década de setenta (a copa do mundo é nossa...) e na década de oitenta, de fato. Peguei pelo pé a Ana Cristina, o Arnaldo Antunes, o Leminski, e mais uma estante cheia. (Enquanto isso, meu pobre *Sexfood...* está meio parado.) Com

Raimundo, rolam uns papos viagem sobre literatura & arte-para-qualquer-parte, sempre esclarecedores, algumas vezes complicadores, isso, é claro, quando ele está em sintonia com o planeta Terra.

E, pra acabar, queria agradecer a sessão gratuita de análise. Obrigado.

[POEMAS]

Uma saliência entre homens que conversam
Não querem ler o silêncio do que estão falando
As vozes se arranham como sílex
Entre um homem e outro
Um som hediondo

Silêncio (de pura sílica) entre um nome
Um homem
E outro

sonho e sonho
Ouro de sons
Erudição de homem

No silêncio leve
o vai-e-vem
Do som que soletra

Um homem
Põe o silêncio na boca
Força os dentes

E aperta

LOVE IT UP IN LATEX

(Unbeatable danish rubberwear promises unimaginable pleasures)

Belo
Bellum

Ferminóide:
À noite
Todos os gatos
São plástico
(Nas entrelinhas
Vemos vênus
Dando o ânus)

Sândalo úmido (espasmo)
Deus (ex-fala)
Não querer mais comer palavras mortas

A fagulha do beijo
Já não cabe nas calças:
Sendo o comum e simples
Simplesmente
A coxa existe
(Assim
Ninguém se espanta
Quando ela
Díspar
Se despe)

Pastam
(Febris e promissoras)
Macilentas montanhas de carne

Se escondem e engolem a seco
O brilho da arma do grande matador
(: Abre as pálpebras curtidas – remelentas –
Pontes interiores
Platônicas
Estranhas e frias
Coincidentes e semelhantes à paisagem

Abre os famintos olhos incestos – grandes
Globos oculares aguardando humores
Estáticos e cálidos da fluência de lágrimas –
Agruras leitoras e o desejo bruto
Do lugar-comum

Esvaem-se as cores nos nervos óticos
Extirpa-as dos amores
Migalhas que são)
Que corre ágil e volteia sobre si
(Seu crime insinuante e hediondo amargura
Os anjos clássicos & barrocos – cíclicos –
De grandes asas despudoradas

Belos anjos castrados de colos graves e frios
Anjos no cio

Deus
Os anjos brandem as más línguas
Todos os anjos aves de rapina)

IMPERFEITO HAI-KAI SEXUAL

No corpo invadido
A mulher comete os dedos
: Coito comedido

3.

VIAGEM EM VOLTA DO MEU UMBIGO

Raimundo Carvalho

Nasci. Isto se deu no ano de 1958, na cidade de Pirapora, Minas Gerais, na beira do rio São Francisco, vereda maior do grande sertão: Brasil. No coração desta arcádia selvagem e brutal, escutei o eco longínquo dos poetas de cordel, os casos de assombração e as histórias do cangaço. Minha mãe, uma iluminista, defensora do progresso intelectual da espécie, primeira incentivadora do meu estudo e pesquisa; meu pai, boêmio, tocador de violão, primeiro exemplo da necessária transgressão. Com o meu pai que, além de boêmio, era contramestre de uma companhia de navegação, fiz inúmeras viagens pelo rio São Francisco, nas “gaiolas”, vindas do Mississipi. Daí que, desde muito cedo, me acostumei às grandes migrações. Minha geografia pessoal era vasta, incluindo os estados de Minas, Bahia e Pernambuco, banhados pelo velho Chico.

Súbito, cresci. Tinha quinze anos, conhecia já o funcionamento de um escritório de contabilidade, onde trabalhava, conjugando um curso técnico na área. A morte de meu pai provocou em mim desejos de misticismo e tive a sorte de parar em uma comunidade de jovens, dirigida por padres franciscanos. Ali, em meio a uma bela paisagem da serra da Mantiqueira, na Zona da Mata, estudei a bíblia, latim, francês, espanhol, li romances de Dostoievski, entre outros, e me iniciei na poesia, incentivado pelos professores de português, que eu, marotamente, engabelava, escrevendo redação em versos. Posteriormente, em Petrópolis, assistindo às aulas de Leonardo Boff, me libertei da teologia e resolvi seguir carreira solo, exacerbando a minha consciência individual e anárquica.

1980, já em Belo Horizonte, me matriculei na Faculdade de Letras da UFMG, onde me graduei e me tornei mestre em literatura brasileira, com uma dissertação sobre a poesia de Murilo Mendes. Nesta cidade, publiquei os meus livros *Sabor Plástico* (1983), edição-mimeógrafo, *Catábase* (1989), na revista Fahrenheit 451, e *Brinde* (1990). Invadi, no início dos anos oitenta, com outros malucos, um belíssimo prédio neo-clássico da universidade e criamos a casa do estudante, estabelecendo novos padrões de convivência, baseados na cooperação, na liberdade e na expressão artística.

Curioso, viajei pelo Brasil, de ponta a ponta, em vários périplos, e não há nada mais belo que ter

mirado à noite as dunas de Jeriquaquara, as águas do Amazonas, a chapada dos Guimarães ou os pampas gaúchos.

Desde 1994, sou professor do Departamento de Línguas e Letras da UFES e preparo tese de doutorado sobras as *Bucólicas* de Virgílio, na PUC em São Paulo, onde vivo atualmente.

Paisagem com ruína (1996) é o meu último trabalho até agora e é o fruto temporão de uma incursão ligeira pelo velho continente. Os dois poemas que seguem pertencem a este conjunto.

Apesar deste depoimento de cunho biográfico, afirmo que a poesia é minha identidade quase secreta, pois, ainda que publique livros e declame meus poemas em público, sou de uma época em que se declarar poeta é se expor à desconfiança, ao descrédito e à zombaria do público médio que vê no fracasso social e financeiro do poeta o justo castigo para a sua “hybris”.

No entanto, apesar do desinteresse midiático, a poesia está em alta, ele é cada vez mais discutida, falada, ainda que o poeta esteja longe de com isso amealhar algum. Com a expansão do ensino superior e dos cursos de pós-graduação pelo Brasil inteiro, um novo público, mais culto e mais atento à produção cultural, vem se formando e colocando novas demandas.

Em poesia me interessa a pesquisa de formas, a expressão de novas vivências corporais e existenciais. O gosto público varia ao sabor das modas e, numa realidade periférica como a nossa, qualquer reconhecimento não é nenhuma garantia de qualidade. Aos meus hipotéticos e hipócritas leitores (boêmios, pederastas, professores, artistas, loucos, místicos, revolucionários, solitários, drogados e meninos em idade escolar) proponho o prazer da palavra, um ato, entre tantos outros, de liberação.

Em poesia são meus amigos todos aqueles que se dispuseram ou se dispõem a levar a linguagem poética para frente, para áreas ainda pouco visitadas pela sensibilidade contemporânea e meus inimigos são todos os burocráticos, puristas, provincianos e desinformados.

De um ponto de vista teórico e artístico, estou interessado nas poéticas da tradução, no trânsito intersígnico nas artes e nas linguagens em geral, nos novos suportes tecnológicos propiciadores de uma nova oralidade em poesia.

Para mim a poesia faz mais sentido se relacionada às outras artes: música, pintura, cinema, comportamento, etc.

Sou contra o estabelecimento de um padrão único de escrita. Como poeta, lanço mão tanto de uma linguagem neo-barroca, quanto de uma linguagem despojada, transparente; tudo depende do efeito a ser conseguido e não de uma pretensa identidade e linearidade do estilo pessoal.

No mais, estou consciente de minhas contradições e fraquezas de poeta-aprendiz sem mestre.

[POEMAS]

capela sistina

trompetas
e gritos danados
abafam o rumor
dos turistas

sem profetas
nem sibilas
somos sombras
das figuras do teto

caretas lascivas
bundas desnudas
não fosse o pincel
salvífico do mestre
melhor cobriríamos
paredes de bordel

visão de taormina

plantada na alta rocha
taormina tem um olho
virado para o mar
outro para o etna

de noite
mergulhada na fonte
a lua fica mais perto
do poeta

ciclope de mil olhos
o céu é um campo de batalha

COMENTÁRIO

A poesia-perto e o *punctum* capixaba

Prof. Wilberth Salgueiro

Pós-Doutor em Literatura Comparada/Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Universidade Federal do Espírito Santo

Serei breve: este conjunto de textos se compõe de depoimentos e poemas de poetas convidados para mais um dos eventos promovidos pelo GELES (Grupo de Estudos da Linguagem do Espírito Santo) – agora em sua quinta edição bianual. A saudável pluralidade de estilos e a leveza que nos suspende a cada narrativa se percebem ao cruzar de páginas e olhos. Talvez o único indício que atravessa todos os depoimentos – afora o fato óbvio de falarem do sempre enigmático *eu poético* – seja uma espécie de fatalidade: a inevitável potência que toma posse do sujeito levando-o a transfigurar-se em personas, no pleno exercício da vontade. Todos, e cada um na própria e irreduzível dicção, se dizem – se sentem – tragados pelo, ahn, fenômeno da poesia. Investe-se o poeta de um anfíbio papel de servo e senhor: ao fazer, é feito.

O título que se coloca no frontispício dessa coletânea quer tão-somente referir-se à convivência entre os poetas da casa (os “capixabas”) e os de fora (mas “perto”) – porque a palavra não tem lugar. Que a poesia seja – valha o tosco trocadilho – um “a-perto” não há mistério: soltar suas amarras, eis um desafio corriqueiro.

Por fim, o termo “*punctum*” fui buscar em *A câmara clara*, de Roland Barthes. Ali, o semiólogo francês, a pretexto de refletir sobre a fotografia, revela o conceito: *punctum* é aquele ponto da foto que chama a minha atenção, fere, punge, detalhe que se expande de mim. Ainda, “*punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados”.

Assim, pois, fica o convite: percorrer essas histórias de poesia tão saborosamente vividas e, de novo com Barthes, contadas com aquele peculiar saber que distingue essa estranha tribo dos poetas.